

## **A CASA DA MÃE JOANA E O USO DO DICIONÁRIO: o estudo do léxico nos anos finais do Ensino Fundamental**

**LA CASA DE LA MADRE JOANA Y EL USO DEL DICCIONARIO: el estudio del léxico en los últimos años de la escuela primaria**

**RESUMO:** Neste trabalho, demonstrar-se-á a viabilidade de introduzir a obra *A Casa da mãe Joana 1 e 2: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas* (2016), de Reinaldo Pimenta, como material paradidático para subsidiar não só o processo de aquisição de vocabulário e, conseqüentemente, a aprendizagem da leitura e da escrita, como também corroborar com o ensino sobre a etimologia das palavras, referendando o conhecimento em dicionários escolares, conforme previu a Base nacional Comum Curricular (BNCC), ao eleger a semântica como um conhecimento linguístico operante nas práticas de linguagem a ser tratado do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental (BRASIL, 2017, p.81). A escolha de *A casa da mãe Joana 1 e 2: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas* se deu pela abordagem leve e descontraída de Pimenta ao tratar de palavras e sintagmas nominais que fizeram ou fazem parte da vida das pessoas, trazendo informações sobre a origem e/ou a provável motivação das expressões fraseológicas, afinal, quem nunca teve curiosidade em saber onde surgiu e o que significa: “Agora Inês é morta”; “bicho de sete cabeças”, “cor de burro quando foge”; “falar pelos cotovelos”; “lágrimas de crocodilo”; “quem ama o feio, bonito lhe parece” e “tirar o cavalo da chuva”? Fundamentado-se, especialmente, nas contribuições da Lexicografia Pedagógica, Lexicologia e Fraseologia, observou-se nos dicionários de língua portuguesa do tipo 3 (*Aurélio Júnior: dicionário escolar de língua portuguesa; Saraiva Jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado; Minidicionário Caldas Aulete da língua portuguesa*) - destinados aos anos finais do Ensino Fundamental e distribuídos pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) às escolas públicas - disponíveis na biblioteca da Escola Estadual Fernando Corrêa da Costa, em Rio Brilhante (MS), que embora os fraseologismos apareçam por vezes como exemplos ou abonações nos dicionários, a motivação dessas combinações sintagmáticas pode ser esclarecida quando a leitura de uma obra literária como a selecionada se dá. Além disso, no processo de consulta e verificação se constam ou não as sete expressões citadas nos dicionários inventariados na biblioteca, o professor terá uma ótima oportunidade de explorar, inclusive, que informações constam nas obras lexicográficas acessadas, quais critérios foram adotados na organização de cada uma dessas, ampliando significativamente o conhecimento do alunado quanto ao manuseio do dicionário e o seu uso sistemático em aulas de língua materna.

**PALAVRAS-CHAVE:** BNCC. semântica. dicionários de língua portuguesa do

---

tipo 3. PNLD. ensino fundamental II.

**RESUMEN:** En este trabajo se demostrará la viabilidad de presentar la obra “La casa de madre Joana 1 e 2: curiosidades en los orígenes de palabras, frases y marcas” (2016), de Reinaldo Pimenta, como material paradidáctico para subvencionar no solo el proceso de adquisición de vocabulario y, en consecuencia, el aprendizaje de la lectura y la escritura, así como corroborar la enseñanza sobre la etimología de las palabras, avalando conocimientos en los diccionarios escolares, según lo dispuesto por la Base Curricular Común Nacional (BNCC), al elegir la semántica como forma lingüística de conocimientos que operan en las prácticas del lenguaje a ser tratados desde el 6º al 9º grado de Educación Primaria (BRASIL, 2017, p.81). La elección de “La casa de madre Joana 1 e 2: curiosidades sobre el origen de palabras, frases y marcas” la dio el enfoque ligero y relajado de Pimenta al tratar palabras y sintagmas nominales que fueron o son parte de la vida de las personas, aportando información sobre el origen y/o probable motivación de las expresiones fraseológicas, después de todo, quien nunca tuvo curiosidad por saber de dónde venía y qué significa: “Ahora Inés está muerta”; “Animal de siete cabezas”, “color de burro cuando huye”; “hablar por los codos”; “lágrimas de cocodrilo”; “quien ama lo feo bello parece” y “sacar el caballo de la lluvia”? Basado principalmente en los aportes de la Lexicografía Pedagógica, Lexicología y Fraseología, se observó en los diccionarios de lengua portuguesa de tipo 3 (Aurélio Júnior: *dicionário escolar de língua portuguesa*; Saraiva Jovem: *dicionário da língua portuguesa ilustrado*; Minidicionário Caldas Aulete da língua portuguesa) - destinado a los últimos años de la escuela primaria y distribuido por el Plan Nacional de Libros de Didácticos (PNLD) a las escuelas públicas - disponible en la biblioteca de la Escuela Estatal Fernando Correa da Costa, en Rio Brillante (MS), que aunque las fraseologías a veces aparecen como ejemplos o acreditaciones en diccionarios, la motivación de estas combinaciones sintagmáticas se puede aclarar al momento de leer una obra literaria como la mencionada. Además, en el proceso de consulta y verificación si se incluyen o no las siete expresiones mencionadas en los diccionarios enumerados en la biblioteca, el docente tendrá una gran oportunidad de explorar, incluso, qué información se encuentra contenida en las obras lexicográficas accedidas, qué criterios se utilizaron en la organización de cada una de ellas, ampliando significativamente los conocimientos de los estudiantes sobre el manejo del diccionario y su uso sistemático en las clases de lengua materna.

**PALABRAS CLAVE:** BNCC. semántica. diccionarios de lengua portuguesa de tipo 3. PNLD. educación primaria II.

### **1 *Pra começo de conversa*, o que é preciso saber**

O art. 210 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) instituiu a necessidade da fixação de conteúdos mínimos para o ensino fundamental, que assegurassem uma formação básica comum a todo e qualquer cidadão que tivesse direito à Educação no país. Tal determinação apenas se consolidou, de fato, com a promulgação, em dezembro de 2017, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Observar como o ensino de língua portuguesa está previsto nesse normativo passou a ser objeto de investigação do Projeto de Pesquisa

“Variação linguística e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC): o estudo do léxico em sala de aula”<sup>1</sup>, coordenado pela Dr.a Carla Regina de Souza Figueiredo, ao qual esta pesquisa vincula-se.

Em “*A Casa da Mãe Joana e o uso do dicionário: o estudo do léxico nos anos finais do Ensino Fundamental*”, como estratégia de delimitação de tema, elegeu-se a semântica, uma vez que esse conhecimento linguístico está no rol daqueles a serem tratados nos anos finais do Ensino Fundamental (EF) no decorrer das práticas da linguagem, tal como presegue a BNCC:

Conhecer e perceber os efeitos de sentido nos textos decorrentes de fenômenos léxico-semânticos, tais como aumentativo/diminutivo; sinonímia/antonímia; polissemia ou homonímia; figuras de linguagem; modalizações epistêmicas, deônticas, apreciativas; modos e aspectos verbais. (BRASIL, 2017, p. 81).

Em relação ao estudo da semântica, Oliven afirma:

[...] a presença da semântica no ensino de Língua Portuguesa tem com objetivo promover a reflexão sobre os recursos semântico-expressivos da língua, desenvolvendo, conseqüentemente, a competência linguística e comunicativa do aluno e esclarecendo os mecanismos de funcionamento da língua. (OLIVAN, 2009, p. 2).

Para conhecer e perceber os efeitos de sentido nos textos decorrentes de fenômenos léxico-semânticos, um dos instrumentos que contribuem para isso são os dicionários escolares, pois segundo a autora Rey-Debove (1984):

[...] há duas maneiras de aprender uma língua. Uma, natural, por tentativas cada vez mais aperfeiçoadas de comunicação que chegam a conhecimentos memorizados dessa língua (competência natural), como da criança na família e, nesse caso, pode-se dominar perfeitamente uma língua sem ser capaz de descrevê-la. A outra, artificial e metalinguística, pela consulta de dois tipos de obras descritivas conhecidas como indispensáveis e complementares: a gramática e o dicionário. (REY-DEBOVE, 1984, p. 45).

Segundo Biderman (1998), importante lexicóloga e dicionarista brasileira:

O dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Por outro lado, o dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, sendo uma das mais relevantes instituições da civilização moderna. Exercendo funções normativas e informativas na sociedade,

---

<sup>1</sup> Cadastrada e aprovada na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UEMS em atendimento ao EDITAL UEMS N° 004/2018 – PROPP/UEMS PROJETOS DE PESQUISA SEM RECURSO FLUXO CONTÍNUO (UEMS), com vigência prevista entre 01 de março de 2019 e 28 de fevereiro de 2021.

esse produto cultural deveria ser de uso obrigatório para todos os usuários da língua. (BIDERMAN, 1998, p.17).

Desde 2006, dicionários escolares são distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC) às escolas públicas como material didático (PNLD – Dicionários) respeitando-se critérios consolidados pela Lexicografia Pedagógica<sup>2</sup>: a depender do público-alvo a que se destinam, há uma adequação da linguagem e quantidade de informações disponíveis em cada uma das obras lexicográficas, tal como afirma Krieger (2012):

[...] no âmbito de suas políticas educacionais, o Brasil passou a incluir dicionários na seleção de obras didáticas destinadas às escolas públicas do Ensino Fundamental. O processo de seleção e de aquisição das obras lexicográficas adequadas à escola se dá no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático [...] Nas duas últimas edições, em 2006 e em 2012, houve inovações de forte impacto, destacando-se: (a) o reconhecimento de que o Ensino Fundamental necessita de mais de um tipo de dicionário; (b) a diversificação quantitativa e qualitativa da produção editorial lexicográfica, surgindo dicionários e tipos distintos, estruturados de forma a serem compreendidos e aproveitados nas distintas etapas de ensino/aprendizagem da língua materna; (c) a constituição de diferentes acervos de dicionários para todas as escolas públicas, compostos de tipos distintos, correlacionando-os às condições de aprendizagem do público-alvo. (KRIEGER, 2012, p. 11).

Desse modo, um bom dicionário, não é a “casa da mãe Joana”, tal como se atribui o sentido da locução em Cascudo (2004, p. 101) “onde todos têm vontade, domínio, liberdade; podem entrar, dispor, mandar. Confusão, balbúrdia, desorganização”. Ao contrário,

A apresentação corresponde à proposta lexicográfica, onde estão explicitadas informações relevantes para a compreensão do dicionário. É aí que bons dicionários falam de seus princípios organizacionais, referem o consulente previsto, bem como as principais fontes de consulta que deram origem à busca das palavras e das expressões que integram o repertório de vocábulos. Enfim, as informações dadas delineiam o perfil da obra, razão de sua leitura ser importante para o professor lidar com os dados internos. (KRIEGER, 2012, p. 27).

Assim sendo, (a) mapeou-se os dicionários de língua portuguesa do tipo 3<sup>3</sup>, destinados aos anos finais do Ensino Fundamental, na Escola Estadual

---

<sup>2</sup> Segundo Maria da Graça Krieger, a Lexicografia Pedagógica é uma área de estudos relativamente nova, ainda não muito conhecida no Brasil. Os estudos se concentram nas “várias faces” que constituem e envolvem dicionários destinados à escola para o ensino de primeira ou segunda língua (XATARA; BEVILACQUA; HUMBLÉ, 2011, p. 103).

<sup>3</sup> Obra lexicográfica caracterizada por conter no mínimo 19.000 e no máximo 35.000 verbetes, com características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequado a alunos dos últimos anos do ensino fundamental (BRASIL, 2012, p. 19).

Fernando Corrêa da Costa<sup>4</sup>, localizada em Rio Brillhante (MS), e (b) verificou-se nas apresentações das obras quais os critérios e modos de organização das informações dispostas. Nas três obras inventariadas, a saber: *Aurélio Júnior*: dicionário escolar da língua portuguesa (2011), *Saraiva Jovem*: dicionário da língua portuguesa ilustrado (2012) e *Minidicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa* (2006), observou-se que: (1) exemplos, abonações e expressões idiomáticas constavam sempre no final da acepção com a finalidade de contextualizar o vocábulo, demonstrar o seu uso, trazer informações sobre a história e a cultura brasileiras, personalidades históricas e do cenário nacional e internacional, descobertas científicas, variedades e curiosidades; e (2) não constavam informações etimológicas das palavras.

Diante das constatações e reconhecendo a importância da literatura infanto-juvenil para a ampliação dos letramentos dos estudantes, escolheu-se a “*A casa da mãe Joana 1 e 2: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas*” (2016), de Reinaldo Pimenta, a fim de avaliar a viabilidade dessa obra como meio para subsidiar não só o processo de aquisição de vocabulário e, conseqüentemente, a aprendizagem da leitura e da escrita, como também corroborar com o ensino sobre a etimologia das palavras, referendando o conhecimento em dicionários escolares, afinal quem nunca teve curiosidade em saber onde surgiu e o que significa: “Agora Inês é morta”; “bicho de sete cabeças”, “cor de burro quando foge”; “falar pelos cotovelos”; “lágrimas de crocodilo”; “quem ama o feio, bonito lhe parece” e “tirar o cavalo da chuva”?

Isto posto, será que os dicionários do tipo 3, acessíveis aos estudantes da Escola Estadual Fernando Corrêa da Costa, contemplavam os fraseologismos acima mencionados? Que outras expressões fraseológicas são comuns entre os jovens? O que significam e em que contexto são utilizadas? Tais questionamentos impulsionaram o desenvolvimento da segunda etapa da presente pesquisa de IC, fundamentada nas contribuições da Lexicografia<sup>5</sup> Pedagógica, da Lexicologia e da Fraseologia.

**2 É hoje O dia D, a hora H:** relações entre a BNCC e o estudo do léxico por meio de obras lexicográficas e de outra natureza.

Em 2018, entrou em vigor, a Base Nacional Comum Curricular:

[...] A BNCC é um documento plural, contemporâneo, e estabelece com clareza o conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, têm direito. Com ela, redes de ensino e instituições escolares públicas e particulares passam a ter uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação de seus currículos e propostas pedagógicas. Essa referência é o ponto ao qual se quer chegar em cada etapa da

---

<sup>4</sup> A referida escola situa-se no município sul-mato-grossense de Rio Brillhante. A escolha do local para o desenvolvimento da etapa de seleção, coleta e elaboração do corpus da pesquisa, justifica-se pelo fato de essa Unidade Escolar também servir para o cumprimento de outras atividades previstas no currículo do curso de licenciatura em Letras (hab. Português/Espanhol) da UEMS, Unidade Universitária de Dourados.

<sup>5</sup> A Lexicografia é a ciência dos dicionários. A análise da significação das palavras tem sido o objeto principal da Lexicografia. É muito recente, pelo menos entre nós, o advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos. (BIDERMAN, 1998. p. 11-20.).

Educação Básica, enquanto os currículos traçam o caminho até lá. (BRASIL, 2017, p. 5).

Assim sendo, a leitura atenta do documento se fez necessária, sobretudo na fase de transição entre materiais didáticos alinhados às prescrições da BNCC aos que ainda vigoravam por terem sido aprovados e distribuídos antes da publicação do referido normativo.

O uso do dicionário, por exemplo, fica implícito nos anos finais do Ensino Fundamental, vinculando-se, sobretudo ao conhecimento linguístico “semântica”, comum entre o 6º e o 9º ano, fundamental para o estudante perceber os efeitos de sentido decorrentes de escolhas linguísticas (ex. aumentativo/diminutivo) e relações estabelecidas entre palavras (sinonímia/antonímia; polissemia ou homonímia; paranomásia; hiperonímia/hiponímia), do uso de figuras de linguagem (metáfora, metonímia, antítese, paradoxo, prosopopeia, hipérbole, eufemismo e ironia); modalizações epistêmicas (atestam o “valor de verdade” do que é enunciado pelo falante a partir do conhecimento que o mesmo tem sobre o que diz), deônticas (são identificados quando aquilo que é enunciado pelo falante se apresenta como algo obrigatório, que necessariamente deva ocorrer), apreciativas (indicadores de “estado de espírito” do falante em relação ao que diz, podendo ser subjetivos quando se manifesta apenas as emoções e perspectivas do falante e interpessoais se o sentimento expresso se define pelas relações estabelecidas entre falante e ouvinte); modos e aspectos verbais. (BRASIL, 2017, p. 81).

Na BNCC (BRASIL, 2017, p. 113; 127), as habilidades referentes ao dicionário tais como localizar, ler e compreender os verbetes; reconhecer entre os significados dispostos qual o mais plausível para o contexto que deu origem à consulta; sanar dúvidas sobre a escrita de palavras, especialmente aquelas decorrentes das irregularidades fonema-grafema, dentre outras, precisam ser alcançadas até o final da primeira etapa do EF (cf. EF35LP12; EF04LP03; EF05LP22; EF05LP25). Assim, a menção ao conceito, a estrutura e a disposição das palavras em um dicionário, como apresentaram Cereja e Magalhães (2015, p. 55-59) aos alunos do 6º ano, tornam-se conteúdos superados e já tratados nos anos anteriores. Nos anos finais do EF, há apenas uma referência direta à obra lexicográfica: “(EF06LI10) Conhecer a organização de um dicionário bilíngue (impresso e/ou *on-line*) para construir repertório lexical” (BRASIL, 2017, p. 247) no ensino de língua inglesa.

Diante do exposto, como articular o uso contínuo dos dicionários de línguas em sala de aula às competências e habilidades elencadas na BNCC para o aprendizado de língua portuguesa? Como vincular as determinações da Base à política educacional de uso de diferentes tipos de dicionários escolares, selecionados e distribuídos a partir das necessidades e das condições de aprendizagem do público-alvo?

A obra literária *A casa da mãe Joana 1 e 2: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas* (PIMENTA, 2016) parece ser uma boa sugestão para mediar a intersecção entre as duas propostas. Antes de demonstrar como isso é possível, vale a pena registrar alguns princípios básicos para a determinação da tipologia dos dicionários. Segundo Egon de Oliveira Rangel (2011, p. 50-53),

1. [...] diferentes tipos de conhecimentos registrados ou implicados em dicionários [...] podem colaborar de forma significativa para o processo de ensino-aprendizagem, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento dos processos de letramento e de aquisição da escrita [...];
2. [...] é possível não só articular as demandas diversas das duas etapas do EF com diferentes propostas lexicográficas, como também estabelecer, para estas últimas, uma progressão didática paralela à progressão curricular. [...];
3. [...] os dicionários de tipo 1 podem ser encarados [...] como obras essencialmente didático-pedagógicas, orientadas, entretanto por princípios claramente lexicográficos; enquanto os dicionários do tipo 3 são, na verdade, obras já de caráter marcadamente lexicográfico, modalizadas por princípios didático-pedagógicos [...];
4. [...] a progressão já referida envolve, também, uma paulatina assimilação do saber lexicográfico implicado num dicionário, assim como o desenvolvimento do que podemos denominar uma “proficiência de consulta” [...];
5. [...] os objetivos do ensino fundamental, as características do nível de ensino-aprendizagem visado e finalmente o perfil do usuário [...] devem funcionar, na concepção e na elaboração de um dicionário escolar, como fontes permanentes de critérios capazes de fundamentar as escolhas lexicográficas efetuadas [...] (RANGEL, 2011, p. 50-53).

Os dicionários, portanto, são substanciais nas escolas,

[...] uma vez que o progressivo domínio da linguagem escrita é central tanto para o sucesso dessa empreitada quanto para o desenvolvimento da autonomia relativa do aluno nos estudos, os dicionários certamente têm uma contribuição efetiva a dar [...] E o conhecimento sistematizado sobre o léxico que o dicionário proporciona tem um papel relevante a desempenhar na (re)construção escolar do conhecimento sobre a língua e a linguagem. Esse é o motivo pelo qual o dicionário, que é, afinal, um gênero de vocação didática, pode ser particularmente útil e mesmo imprescindível ao cotidiano da escola. (BRASIL, 2012, p. 18).

Reconhecido o caráter pedagógico do dicionário escolar, os do tipo 1<sup>6</sup> e 2<sup>7</sup> são propostas lexicográficas adequadas, respectivamente, (a) às demandas do processo de alfabetização inicial e (b) à fase de consolidação do domínio da escrita e da organização e reconhecimento da linguagem típicas do gênero dicionário.

[...] os tipos 1 e 2 têm um porte limitado, o que os distancia bastante da seleção vocabular - representativa de todo o léxico - própria do dicionário padrão da língua. Nesse sentido, [...]

---

<sup>6</sup> Destinada aos estudantes em processo de alfabetização inicial, ou seja, do 1º ano do EF. Caracterizado por ter no mínimo 500 e no máximo 1.000 verbetes. (BRASIL, 2012, p. 19).

<sup>7</sup> Com um número de verbetes que varia entre 3.000 e 15.000, destina-se ao alunado do 2º ao 5º ano. (BRASIL, 2012, p. 19).

são, antes, repertórios de palavras organizados como tais, com o objetivo de introduzir (tipo 1) e familiarizar (tipo 2) o aluno do primeiro segmento com esse gênero e com o tipo de livro que, em sua versão impressa, o caracteriza. Via de regra, limitam as classes de palavras substantivos, adjetivos e verbos (tipo 1), raramente ampliando esse repertório (tipo 2) (BRASIL, 2012, p. 21).

Em contrapartida, “[...] os tipos 3 e 4<sup>8</sup>, destinados a (pré-)adolescentes, já se inserem, ao menos no que diz respeito à nomenclatura – e ainda que em diferentes graus – em padrões bem estabelecidos de representatividade. E muito se aproximam [...] do minidicionário (tipo 3) e o dicionário padrão (tipo 4)”. (BRASIL, 2012, p. 21). O quadro a seguir traz, com o intuito de exemplificar, como uma mesma palavra é definida em quatro dicionários distintos, considerando a sua tipologia.

Quadro 1 Acepções de *dicionário* em obras lexicográficas do tipo 1, 2, 3 e 4

TIPO DE DICIONÁRIO ESCOLAR	ACEPÇÕES
Tipo 1	<b>dicionário</b> <i>di-cio-ná-rio</i> O dicionário é um livro que explica o significado das palavras e mostra como elas devem ser escritas. <b>Nos dicionários as palavras aparecem em ordem alfabética.</b> família: dicionarizar  (BIDERMAN; CARVALHO, 2009, p. 60)
Tipo 2	<b>dicionário</b> <i>s. masc. di-cio-ná-rio</i> . Conjunto de palavras e expressões de uma língua, geralmente em ordem alfabética, com informações sobre o significado das palavras, seu uso na língua e dados gramaticais a respeito delas. <i>Existem vários tipos de dicionários. A professora pediu aos alunos que comprassem um dicionário inglês-português, português-inglês.</i>  (BIDERMAN, 2004, p. 100)
Tipo 3	<b>dicionário</b> (di-cio-ná-rio) <i>sm.</i> 1.Obra que registra palavras e se organiza em verbetes em ordem alfabética ( <i>Existem dicionários de uma só língua que descrevem o significado, e dicionários bilíngues, que oferecem equivalências em outras línguas</i> ); 2.obra que reúne determinada categoria de palavras, acompanhando-as das devidas explicações ( <i>dicionário de informática; dicionário de verbos e regimes; dicionário de economia</i> ); 3. <i>fig</i> todas as palavras conhecidas ou usadas; vocabulário ( <i>Ele disse que “nunca” é uma palavra que não consta do seu dicionário, porque ninguém sabe o que fará no futuro</i> ).  (SARAIVA JOVEM, 2012, p. 329)
	<b>dicionário</b> <i>s.m.</i> (1563) 1 LEX compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencional, ger. alfabética, e que pode fornecer, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc. < <i>d. de sinônimos e antônimos</i> > < <i>d. analógico</i> > 2 <i>p.ext.</i> LEX compilação de alguns dos vocábulos empr. por um indivíduo (p.ex., um escritor), um grupo de indivíduos, ou us. numa época, num movimento etc., ou ainda de informações

<sup>8</sup> Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do Ensino Médio, inclusive o profissionalizante. (BRASIL, 2012, p. 19).



<p>Tipo 4</p>	<p>ou referências sobre qualquer tema ou ramo do conhecimento; glossário, vocabulário &lt;d. de Os Lusíadas&gt; &lt;d. do açúcar&gt; 3 p.met. BIBL livro, ou qualquer outro suporte de mensagem auditiva, visual etc., que contém tais compilações &lt;d. eletrônico&gt; 4 fig. pessoa ou coisa vista como repositório de extensos conhecimentos, de informações de ordem cultural, social etc. &lt;a arte cristã foi durante séculos o d. das crenças e costumes do Ocidente&gt; _ d. ambulante ou vivo fig. m.q. <b>enciclopédia viva</b> • d. eletrônico o que é apresentado em suporte informático, contendo um ou mais discos (CD-ROM) _ ETIM lat.medv. <i>dictionarium</i> ou <i>dictionarius</i> (sc. <i>liber</i>) 'repertório de <i>dictiones</i> (frases ou palavras)', através do fr. <i>dictionnaire</i> 'id.' ▢ SIN/VAR desmancha-dúvidas, glossário, léxico, léxicon, pai dos burros, tira-teimas, tesouro, vocabulário _ PAR <i>dicionario</i>(fl.dicionariar)</p> <p>(HOUAISS, 2009, p. 682)</p>
---------------	--

Fonte: elaborado por Figueiredo (2020) - material compartilhado em sala de aula. A disposição das informações e o uso de cores reproduzem tal como se apresentam nas obras lexicográficas consultadas.

Ao traçar um paradigma entre as acepções de *dicionário* em quatro diferentes obras lexicográficas, observam-se as características dos tipos dos dicionários escolares, tal como se constata no material de apoio *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula* (BRASIL, 2012), distribuído pelo PNLD (2012), que relaciona os conteúdos dispostos às etapas de ensino:

**Dicionários de Tipo 1:** como são destinados aos alunos que ainda estão em fase de alfabetização, eles são mais dinâmicos e apresentam na sua estrutura mais figuras e imagens coloridas para chamar a atenção dos estudantes. Também oferecem verbetes de estrutura simples e reduzidos, utilizam uma linguagem mais informal e acessível, acompanhada de exemplos de uso. As suas listas de vocábulos estão todas em ordens alfabéticas, e as suas definições são oracionais (BRASIL, 2012, p. 23; 25; 27);

**Dicionários de Tipo 2:** com o intuito de ainda familiarizar os alunos com a leitura dos dicionários, diferenciam-se do tipo 1 por pressupor atingir a um público-alvo já alfabetizado. A estrutura gráfica é bastante diversa, contempla acepções mais frequentes e suas definições são simplificadas. As letras de cada seção são devidamente destacadas, a divisão silábica do verbo se mantém com destaque à tônica e há o acréscimo de informações de natureza gramatical referente às classes de palavras. Apresenta algumas ilustrações e estratégias de interação com o consulente como “Você sabia?” e “Faça você mesmo”, interessantes para os alunos dessa faixa etária (BRASIL, 2012, p. 28-29; 31);

**Dicionários de Tipo 3:** já são mais completos e elaborados, visto que é pretendido que o aluno do ensino fundamental já esteja familiarizado com a estrutura dos dicionários. Assemelham-se aos que se dirigem ao público geral. Utilizam nas suas definições e explicações uma linguagem mais impessoal e técnica, e trazem um maior número de informações linguísticas sobre as palavras registradas (BRASIL, 2012, p. 32-33);

**Dicionário de Tipo 4:** como são destinados aos alunos do ensino médio, contemplam, por exemplo, explicações e definições de nível profissional, pois ele já se aproxima do dicionário padrão e podem ser utilizados também pelo professor. Organizam-se de modo que a compreensão do gênero lexicográfico fique evidente. Reúnem grande número de informações sobre cada palavra e expressão seleciona e

registram o maior número possível de acepções, associadas à classificação gramatical correspondente (BRASIL, 2012, p. 35-36).

Assim como nos exemplos acima, nos três dicionários escolares, do tipo 3, mapeados na Escola Estadual Fernando Corrêa da Costa - *Aurélio Júnior*: dicionário escolar da língua portuguesa (2011), *Saraiva Jovem*: dicionário da língua portuguesa ilustrado (2012) e *Minidicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa* (2006) - observou-se que: (1) a ausência de informações etimológicas das palavras, tal como se vê na acepção de *dicionário* no tipo 4; e (2) os exemplos, as abonações<sup>9</sup> e expressões idiomáticas constavam sempre no final da acepção com a finalidade de contextualizar o vocábulo, demonstrar o seu uso, trazer informações sobre a história e a cultura brasileiras, personalidades históricas e do cenário nacional e internacional, descobertas científicas, variedades e curiosidades. Veja como o verbete é apresentado no *Aurélio Júnior* (2011)

di.ci.o.ná.ri.o *subst. masc.* **1.** Conjunto de vocábulos de uma língua ou de termos próprios de uma ciência ou arte, dispostos, alfabeticamente, e com os respectivos significados, ou a sua versão em outra língua; léxico. **2.** Obra ou livro que o consigna, ou um exemplar de uma dessas obras: “Para todas as coisas: dicionário/ Para que fiquem prontas: paciência” (Nando Reis, na canção *Diariamente*). [Sinônimo (*brasileirismo e popular*) de 2: *pai dos burros*.] \* **Dicionário eletrônico.** Tecnologia Modalidade eletrônica de dicionário (2). (FERREIRA, 2011, p. 323).

Da relação de sinonímia entre *Dicionário* e *pai dos burros* apreende-se que há sintagmas, usuais entre os falantes de uma língua, resultantes da composição dos sentidos de cada um de seus constituintes (*pai dos burros*) não designa o grau de parentesco entre dos animais. A tentativa de explicação se exaure por se tratar de uma metáfora “que a língua congelou”, tal como afirma Polguère (2018, p. 61). Assim,

Uma **locução** é uma entidade da língua aparentada ao lexema que é estruturada em torno de um sentido exprimível por meio de um conjunto de sintagmas congelados, semanticamente não composicionais, que se distinguem somente pela flexão. Devido ao seu caráter congelado e semanticamente não composicional, as locuções são pertinentes a um setor fundamental das línguas: sua fraseologia. (POLGUERE, 2018, p. 62).

Para definir a noção de fraseologia<sup>10</sup>, é necessário que se distinga dois tipos de expressões linguísticas, ou seja, da combinação de ao menos dois

---

<sup>9</sup> Segundo Krieger (2012, p. 83), abonação corresponde ao “contexto, geralmente extraído de um livro, que serve para testar a ocorrência, o emprego ou o uso de uma palavra ou expressão pertencente a uma língua, em determinado período”.

<sup>10</sup> Combinações estáveis formadas por pelo menos duas palavras gráficas e cujo limite superior se situa ao nível da oração completa (*oração aqui levando-se em consideração o fato que temos os provérbios incluídos na família das Unidades Fraseológicas e que são considerados enunciados completos, ou seja, uma oração*), caracterizadas por sua frequente coaparição e

signos linguísticos. A saber: (a) a *livre*, em que o “[...] o locutor seleciona cada um dos elementos da expressão separadamente para exprimir os respectivos significados. Em outros termos, a escolha de um elemento particular não depende da escolha de nenhum outro” (POLGUERE, 2018, p. 62-63); e (b) a *não livre*, que corresponde contrariamente à expressão livre. Logo, as expressões fraseológicas equivalem às expressões não livres de uma língua, convencionadas, aceitas, usuais por um grupo de falantes.

A fraseologia de uma língua, de acordo com Glenk (XATARA; BEVILACQUA; HUMBLÉ, 2011, p. 81), “[...] abrange os mais diversos tipos de combinações de palavras: colocações, expressões idiomáticas, formulas discursivas e de rotina, provérbios etc. A característica dessas unidades polilexicais [...] com „alto grau de fixidez“[...]. Sobre as expressões idiomáticas (EI), Xatara (1998) faz algumas ponderações:

Considerando-se, pois, a distribuição única de uma EI, levam-se em conta quatro aspectos convencionáveis: o seu significado (é de geral consentimento entender pagar o *pato* como "sofrer as consequências"), a ordem de ocorrência dos elementos (*dar com a cara na porta* constitui uma EI, mas não *dar na porta com a cara*), as relações de similaridade baseadas na seleção (*dar com a cara na janela* ou *dar com o rosto na porta* já não são mais EIs) e as relações de contiguidade baseadas na combinação (expressões como *noves fora nada*, *diabo a quatro* são aceitáveis embora agramaticais), além de ser a combinação léxica dos componentes que determina a arbitrariedade da significação. (XATARA, 1998, p. 149).

Será que os alunos já discutiram e/ou pensaram a respeito dos fraseologismos? Glenk (XATARA; BEVILACQUA; HUMBLÉ, 2011) aponta diferentes situações comunicativas em que o uso de unidades fraseológicas são recorrentes e nem sempre o falante se dá conta da produtividade e recorrência com que as acessa.

Os fraseologismos estão presentes em todas as situações comunicativas, em todos os tipos de textos, em todos os registros. Como o léxico em geral, fraseologismos podem ser de uso formal (*colocar à disposição*) ou informal (*Tudo bem?*, *fazer uma pergunta*), mais típicos de uma região (*comer leite*, Minas Gerais) ou de determinado grupo („*tá de boa*”, linguagem dos jovens), eufemismos (*passar dessa para melhor*), jocosos (*tirar água do joelho*), vulgares (*encher o saco*), pejorativos (*Lugar de mulher é na cozinha*) ou mesmo tabuísmos (*Putá que pariu*), entre outros. Podem ser atrelados a determinados atos de fala (*Me deixa em paz*) ou ser exigidos em determinada situação comunicativa (*Feliz aniversário*). (XATARA; BEVILACQUA; HUMBLÉ, 2011, p. 85).

Em março de 2020, por exemplo, o mundo foi surpreendido pela propagação do *coronavírus*, reconhecido pela facilidade de contágio e capacidade letal. Desde então, medidas como isolamento social, uso de

---

institucionalização na língua, e pelos diversos graus de idiomaticidade e variação que podem apresentar (CORPAS PASTOR, 1996, p. 269).

máscaras e suspensões de aulas presenciais foram adotadas até que os pesquisadores pudessem apontar um caminho para que o direito de ir e vir pudesse ser exercido sem restrições. Vacinas surgiram e desde então, todos anseiam pelo acesso à imunização. No Brasil, a declaração do Ministro da Saúde sobre esse assunto, em 11 de janeiro de 2021, provocou reações diversas. Eduardo Pazuello afirmou: “Todos os estados receberão simultaneamente as vacinas, no mesmo dia. A vacina vai começar no dia D, na hora H, no Brasil. No primeiro dia que a autorização for feita, a partir do terceiro ou quarto dia estará nos estados e municípios para iniciar a vacinação. A prioridade já está dada, é o Brasil todo. Vamos fazer como exemplo para o mundo. Os grupos prioritários já estão distribuídos.”

### **Pazuello diz que vacinação começa "no dia D, na hora H"**

*Ministro da Saúde reforça que todos os estados receberão o imunizante simultaneamente, queixa-se das críticas contra atraso na imunização e diz que o Brasil será exemplo para todo o mundo.*

Fonte: Correio Brasiliense.

Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/01/4899602-pazuello-diz-que-vacinacao-comeca-no-dia-d-na-hora-h.html>. Acesso em 20 jan. 2021.

O que seria *o dia D, a hora H*? À imprecisão da informação e tudo mais o que pode demonstrar a declaração do Ministro da Saúde, os leitores da obra de Reinaldo Pimenta (2016) ao menos tiveram acesso à origem e ao significado dessas duas unidades fraseológicas:

Dia D

É como ficou conhecido o dia 6 de junho de 1944, data da invasão da Europa pelos aliados na Segunda Guerra Mundial. Mas, muito antes disso, a expressão já era empregada militarmente. Dia D designa o marco do início de alguma operação militar. O “D” é usado simplesmente por ser a letra inicial da palavra dia (*day* em inglês). Já os franceses usam a expressão *le jour J*.

É o mesmo caso da expressão **hora H**.

“Mês M” não existe, mas poderia ser aplicado àquele mês em que tudo deu errado. (PIMENTA, 2016, p. 73).

Hora H

As expressões “Hora D” e “Dia D” vieram do inglês (*H-hour, D-day*). Pertencem à terminologia militar e indicam a hora ou o dia escolhido para uma operação de guerra. As letras são simplesmente as iniciais das palavras hora e dia.

Outra expressão militar de origem curiosa: *May day*, usada por ingleses e americanos em navios ou aviões sob ataque inimigo. É corruptela do francês *m'aider*, me ajude. (PIMENTA, 2016, p. 118).

A escolha dessa obra se deu por ela trazer a etimologia de palavras e expressões fraseológicas populares de uma forma divertida e de fácil compreensão e chamar a atenção dos leitores, que apreendem nas explicações os diversos motivos pelas quais as palavras e as fraseologias foram formadas. Eis o que consta na orelha do livro (2016):

Trata-se, portanto, de uma verdadeira coleção de origens curiosas de palavras, frases e marcas. Por exemplo, quem nunca teve a curiosidade de saber qual a cor do burro quando foge? Ou onde Judas perdeu as botas? Expressões como essas fizeram ou fazem parte da vida das pessoas. O leitor, provavelmente, vai se deparar com explicações sobre alguma expressão que passou de pai para filho em sua família. É importante ressaltar as histórias contadas através desses esclarecimentos. Assim, por mais que o grande mote do livro seja o de entreter, não se deve imaginar que esse é o único objetivo a ser alcançado. [...] Nenhuma das etimologias apresentadas foi inventada com o intuito exclusivo e simplório de fazer graça. Todas, sem exceção, resultaram de estudos com base em artigos e obras de autores especializados no assunto. A bibliografia destacada ao final do livro é a fonte desse trabalho e uma espécie de satisfação ao leitor.

Reconhecida como uma fonte valiosa de informações e conhecimentos, sugere-se o uso de “*A casa da mãe Joana 1 e 2: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas*” como uma ferramenta para o conhecimento e aquisição dos fraseologismos que estão presentes na nossa língua, mas que infelizmente não são muito conhecidos pela sua etnologia e pelo seu significado. Segundo Bundy (2020):

As unidades fraseológicas com zoônimos (UFz) refletem a vida, o comportamento, a história e a cultura do povo que as utiliza, estabelecendo um relacionamento estreito com o passado cultural, com o ambiente geográfico e os costumes desse povo. São influências que se revelam nos fraseologismos veiculados pela língua, desvendando características que emergem de janelas culturais, e dão a conhecer possíveis contextos, o que “facilita”, de certa forma, o entendimento.

Como um material paradidático, a obra é capaz de auxiliar o aluno que tem dificuldades e até resistência em ler um livro, dada a sua linguagem acessível aos leitores que cursam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Vale registrar, que o escritor da obra também é professor e desde 1966 leciona gramática da língua portuguesa. A seguir, outros exemplos da obra.

Quadro 2 **A *cinderela*, que era *cuspada* e *escarrada* ao pai, tomava muita *coca-cola* para ter energia suficiente para atender aos caprichos da madrasta**: exemplos da obra *A casa da mãe Joana 1 e 2: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas*

<p><b>Cinderela</b></p>	<p>Do inglês <i>Cinderella</i>. O latim <i>cineris</i>, cinzas, gerou o francês <i>endre</i>, daí passou para o inglês <i>cinder</i>. A jovem heroína do conto de Charles Perrault se chamava <i>Cendrillon</i> em francês e <i>Cinderella</i> em inglês porque, após serviços domésticos, ficava num canto da sala, sentada sobre as cinzas da chaminé. Em português, as cinzas de um braseiro são chamadas de <b>borralho</b>, de borra (sobra) + a terminação depreciativa <i>-alho</i>. Daí a Cinderela também ser conhecida por Gata Borralheira.  (PIMENTA, 2016, p. 59)</p>
	<p>Se alguém é extremamente parecido com um indivíduo, seu quase clone, diz-se que ele é “cuspidado e escarrado” o outro. Considerando-se que cuspe e escarro ou são produtos nojentos ou são matérias de laboratórios, por que essa raiva das pessoas que se parecem com as outras? Pode-se dizer que uma afortunada</p>

<b>Cuspido e escarrado</b>	<p>mulher é luminosamente bela como Gisele Bündchen. Mas dizer que ela é “cuspida e escarrada” a Gisele Bündchen, argh!</p> <p>A expressão é uma corruptela popular de “esculpido e encarnado”. Assim, uma pessoa seria idêntica à outra na forma (esculpido) e no jeito (encarnado). Para outros, “cuspido e escarrado” seria a corruptela de “esculpido em Carrara”, cidade do norte da Itália, famosa por suas minas de mármore próprio para a escultura.</p> <p>Há ainda a uma versão que acha tudo isso uma grande bobagem e sustenta que, para muitas civilizações, o ato de cuspir simboliza geração, fecundação, já que o escarro e a saliva seriam o equivalente oral para – descendo um pouco – o líquido seminal, popularmente esperma. Tanto assim que, com esse mesmo sentido de parecidíssimo, existem o francês <i>tout craché</i>, todo escarrado, o italiano <i>nato e sputato</i>, nascido e escarrado, e o inglês <i>spit and image</i>, cuspe e imagem, ou como em <i>she is the spit of her mother</i> (ela é a mãe escarrada).</p> <p>O leitor fique à vontade e escolha com calma: vai a versão ingênua ou a freudiana?</p> <p style="text-align: right;">(PIMENTA, 2016, p. 68-69)</p>
<b>Coca-cola</b>	<p>Atlanta, Geórgia, Estados Unidos, 1886. O farmacêutico John Styth Pemberton inventa um tônico para o cérebro, feito de folhas de coca e extrato de noz de cola. A partir desses ingredientes, o contador de Pemberton, Frank M. Robinson, batiza a bebida de Coca-Cola, já escrita com letras inclinadas e floreadas. Em 8 de maio de 1886, o produto começa a ser vendido, por US\$ 0,05, na farmácia do próprio Pemberton, como “um respeitado tônico para o cérebro e uma bebida intelectual”.</p> <p>Três semanas depois – Pemberton já tinha adicionado à fórmula água carbonatada – aparece a primeira propaganda no <i>The Atlanta Journal</i>, enaltecendo o sabor e as propriedades medicinais da bebida: “Coca-Cola. Deliciosa! Refrescante! Fantástica! Revigorante! O novo refrigerante gaseificado, contendo as propriedades de uma planta maravilhosa, a coca, e a famosa noz, a cola”.</p> <p>Até 1915, o refrigerante ainda tinha uma pequena quantidade de cocaína na sua composição.</p> <p style="text-align: right;">(PIMENTA, 2016, p. 62)</p>

Fonte: elaborado pela autora e orientadora a partir da consulta ao Pimenta (2016).

Diante do exposto, após a leitura da obra “*A casa da mãe Joana 1 e 2: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas*” (PIMENTA, 2016) e a seleção de algumas unidades fraseológicas, averigou-se se constavam nos dicionários escolares *Aurélio Júnior*: dicionário escolar da língua portuguesa (2011), *Saraiva Jovem*: dicionário da língua portuguesa ilustrado (2012) e *Minidicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa* (2006). Tal pesquisa, se realizada com os estudantes dos anos finais do EF, gerará muitas possibilidades de “explorar” o potencial que as obras lexicográficas oferecem ao ensino de línguas. Será que os alunos sabem o que significa e a origem das expressões: “agora Inês é morta” (PIMENTA, 2016, p. 6), “bicho de sete cabeças” (PIMENTA, 2016, p. 32), “cor de burro quando foge” (PIMENTA, 2016, p. 66), “falar pelos cotovelos” (PIMENTA, 2016, p. 88), “lágrimas de crocodilo” (PIMENTA, 2016, p. 135), “quem ama o feio bonito lhe parece” (PIMENTA, 2016, p. 201) e “tirar o cavalo da chuva” (PIMENTA, 2016, p. 228)? Os dicionários escolares trazem-nas também? A seguir, o quadro com a síntese da presença ou não dos fraseologismos nos três dicionários acima mencionados. Apenas no dicionário *Saraiva Jovem*, “bicho de sete cabeças” apareceu como entrada/lema<sup>11</sup>, ou seja, como expressão que inicia o verbete,

<sup>11</sup> De acordo com Krieger (2012, p. 84), na tradição da Lexicografia, se a palavra for um verbo, a forma lematizada é o infinitivo; caso seja um substantivo ou adjetivo, a forma lematizada é o

que será definido ou explicado. Nos outros casos, como exemplos.

Quadro 3 **Fraseologismos nos dicionários *Aurélio Júnior***: dicionário escolar da língua portuguesa (2011), ***Saraiva Jovem***: dicionário da língua portuguesa ilustrado (2012) e ***Minidicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa*** (2006)

Fraseologismo	<i>Aurélio Júnior</i> : dicionário escolar da língua portuguesa (2011)	<i>Saraiva Jovem</i> : dicionário da língua portuguesa ilustrado (2012)	<i>Minidicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa</i> (2006)
“agora Inês é morta”	-	-	-
“bicho de sete cabeças”	-	+	+
“cor de burro quando foge”	+	-	-
“falar pelos cotovelos”	+	+	+
“lágrimas de crocodilo”	-	+	+
“quem ama o feio bonito lhe parece”	-	+	-
“tirar o cavalo da chuva”	+	-	-

Fonte: elaborado pela autora e orientadora.

A seguir, exertos da obra de Pimenta com vistas à demonstrar a possível e necessária intersecção da literatura infanto juvenil ao ensino da língua portuguesa.

Quadro 4 **Sete fraseologismos selecionados em *A casa da mãe Joana 1 e 2***: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas (PIMENTA, 2016)

<b>Agora Inês é morta</b>	<p>Portugal, 1340. D. Pedro, o filho do rei Afonso IV, se casa, por arranjo político, com D. Constança, uma nobre senhora de Castela. Ao se mudar para a corte portuguesa, a feinha e ingênua D. Constança, coitada, leva consigo uma dama lindíssima, filha de um fidalgo galego, chamada Inês de Castro, por quem, é claro, o infante D. Pedro vai se apaixonar perdidamente. Com a morte prematura de D. Constança, a tolinha, D. Pedro se casa clandestinamente com Inês. O casal tem três filhos. Influenciado por seus conselheiros, o rei D. Afonso IV decide mandar executar Inês de Castro, temeroso de que, uma vez morto, Inês se torne rainha de Portugal e, assim, passe a favorecer seus familiares da fidalguia galega em prejuízo da nobreza lusitana. No dia 7 de janeiro de 1355, no Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, num local hoje conhecido como Quinta das Lágrimas, Inês é degolada.</p> <p>Quando D. Pedro sobe ao trono português em 1357 como D. Pedro I, manda executar os assassinos de Inês de Castro. Em 1361, ao serem trasladados, de Coimbra para o Mosteiro de Alcobaça, os restos mortais de Inês, D. Pedro I coroa o cadáver de Inês como rainha.</p> <p>Hoje, no transepto desse mosteiro, estão os túmulos dos dois amantes. Na tampa do sepulcro de Inês vê-se esculpida sua figura angelical, com a coroa de rainha. Muito mais que um fato político, o episódio se celebrizou como uma trágica história de amor, genialmente narrada por Camões em "Os lusíadas". E a expressão agora Inês é morta ficou consagrada para exprimir qualquer ação tardia e de resultado inútil.</p> <p style="text-align: right;">(PIMENTA, 2016, p. 6)</p>
	Um dos 12 trabalhos de Hércules foi destruir a hidra de Lerna (um pântano na Grécia). Era uma serpente descomunal de muitas

masculino e o singular.

<p><b>Bicho de sete cabeças</b></p>	<p>cabeças, cujo hálito pestilento tudo destruía. Claro, o monstro poderia ter sido anulado com uma carga maciça de balas de hortelã. Simples demais para Hércules, que sempre preferiu soluções espetaculares. O herói destruiu a hidra, cotando-lhe todas as cabeças, uma complicação danada porque, a cada cabeça destruída, duas outras apareciam no mesmo lugar. Para resolver o problema, Hércules contou com a ajuda de seu companheiro lolau, que incendiou uma floresta vizinha e com grandes tições ia cauterizando as feridas, impedindo com isso o renascimento das cabeças. Hércules virou herói. lolau caiu no anonimato e até hoje responde a um processo do Greenpeace. O número de cabeças da hidra varia de cinco a cem, segundo os autores. I vários deles, eram sete. Daí a expressão “fazer um bicho de sete cabeças”, quando alguém exagera a dificuldade de realizar alguma coisa. (PIMENTA, 2016, p. 32)</p>
<p><b>Cor de burro quando foge</b></p>	<p>Cor esquisita, indefinida. A expressão é deturpação de outra, do tempo em que os animais andavam soltos nas cidades: "corro de burro quando (o burro) foge." (PIMENTA, 2016, p. 66)</p>
<p><b>Falar pelos cotovelos</b></p>	<p>Existem chatos e superchatos. Chatos são os que falam sem parar. Superchatos são os que falam sem parar, com a chatice aditivada pelo tempo todo cutucando, com os cotovelos, o pobre do ouvinte para mantê-lo acordado e atento. Pois é, a expressão é um legado do superchato, o sugador da alma alheia. (PIMENTA, 2016, p. 88)</p>
<p><b>Lágrimas de crocodilo</b></p>	<p>Chorar lágrimas de crocodilo é manifestar cinicamente um pesar falso. A origem da expressão tem três versões, o leitor elege a sua. Primeira: segundo o historiador romano Plínio, o Velho, (23-79) os crocodilos das margens do Nilo ruidosamente choravam e manifestavam desespero para atrair a atenção e despertar a compaixão dos passantes, que se aproximavam e eram devorados. Segunda: uma lenda medieval dizia que o crocodilo chorava após devorar alguém. Terceira: quando o crocodilo mastiga um alimento (uma vítima), faz uma forte pressão contra o céu da boca e comprime as glândulas lacrimais. (PIMENTA, 2016, p. 135)</p>
<p><b>Quem ama o feio bonito lhe parece</b></p>	<p>Sim, o amor é cego. Por força do uso, a frase se consagrou com essa forma truncada. O texto original, que esbarrou na perplexidade popular, era lógico: “A quem ama, o feio bonito lhe parece”. Ou seja: para quem ama, o feio parece bonito. Claro, não? É, mas o povo franziu a testa, aproximou as sobrancelhas e resolveu mudar a frase para ela ficar mais clara. Dispensou a preposição “a” inicial, por achá-la esquisitinha e inútil, e passou a dizer assim: "quem ama o feio (pausa) bonito lhe parece”, o que é uma construção sintaticamente ilógica. Mas vá entender a preferência popular, tão cega quanto os amantes. (PIMENTA, 2016, p. 201)</p>
<p><b>Tirar o cavalo da chuva</b></p>	<p>No interior, o meio de transporte mais utilizado é o cavalo. Além de não enguiçar nem parar por falta de combustível, o cavalo tem a vantagem de deixar clara a intenção do visitante na chegada. Se ele amarra o bicho na frente da casa sinal de permanência breve; se leva para um lugar protegido da chuva e do sol, pode botar água no feijão, o moço vai demorar. Na primeira hipótese, acontecia às vezes o anfitrião pegar gosto na prosa. Quando a visita ameaçava se levantar para partir, o dono da casa dizia: "Pode tirar o cavalo da chuva!", ou seja, pode levar sua montaria para um local abrigado que você ainda vai demorar. (PIMENTA, 2016, p. 228)</p>

Fonte: elaborado pela autora e orientadora a partir da consulta ao Reinaldo Pimenta (2016).



## Considerações finais

Os resultados conseguidos alcançados nesta pesquisa levam a concluir que os dicionários escolares distribuídos pelo PNLD, realizam uma função essencial para a aprendizagem de línguas na sala de aula e devem ser usados mais frequentemente como ferramenta de ensino, pois são favoráveis para o alcance de algumas habilidades de língua portuguesa referidos na BNCC aos estudantes do Ensino Fundamental II. Promovem também a investigação sobre a presença e a ausência dos fraseologismos nos dicionários escolares.

As obras lexicográficas compartilhadas pelo PNLD estão alinhadas às prescrições da BNCC, ainda que tenham sido selecionadas e distribuídas antes da aprovação da Base.

Tais descobertas motivam também a investigação sobre o uso das unidades fraseológicas nos dicionários, já que se observou que, embora apareçam, por vezes, como exemplos (abonações) nos dicionários, a motivação dessas combinações sintagmáticas pode ser esclarecida quando há a leitura de uma obra literária como *A casa da mãe Joana: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas* (volume 1 e 2), de Reinaldo Pimenta (2016), subsidiando não só o processo de aquisição de vocabulário e, conseqüentemente, a aprendizagem da leitura e da escrita, como também corroborando com o ensino sobre a etimologia das palavras e referendando o conhecimento em dicionários escolares.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. v. I. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 11-20.

BIDERMAN, Maria Thereza Camargo; CARVALHO, Carmen Sílvia. **Meu primeiro livro de palavras**: um dicionário ilustrado do português de A a Z. São Paulo: Editora Ática, 2009.

BIDERMAN, Maria Thereza Camargo. **Dicionário ilustrado de Português**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

BUDNY, Rosana. Unidades fraseológicas com zoônimos: um olhar pela janela da influência cultural. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, p. 307-319, maio/ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 20 ago. 2020.

BRASIL. **Guia de livros didáticos PNLD 2014 – Língua Portuguesa**: ensino fundamental: anos finais. Brasília, DF: MEC, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com direito**

à **palavra**: dicionário em sala de aula. Brasília: MEC/SEB, 2012.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB. Brasília, DF, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Locuções tradicionais no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**, 6. 9 ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

DUARTE, Vânia. Uso do dicionário no início da escolaridade. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/uso-dicionario-no-inicio-escolaridade.htm>. Acesso em: 24 de set. de 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Junior. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2011.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza; MOURA, Thaís Cristina de Almeida. Pra variar... o ensino da língua portuguesa em foco. In: GAMA, A. de S.; GALINDO, C. S. O.; BRITO, I. A. M. (Org.). **Práticas de Língua, Linguagem e Literatura**. Nova Andradina: Gama Editorial, 2017, v. 01, p. 78-100.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza; ZANZI, Jaqueline. A variação linguística no livro didático 'Português: linguagens' - 6o ano EF. III Seminário Formação Docente: intersecção entre Universidade e Escola: impactos da agenda conservadora sobre a formação de professores, 2018, Dourados. **Anais do III Seminário Formação Docente: intersecção entre Universidade e Escola - impactos da agenda conservadora sobre a formação de professores**. Dourados: UEMS, 2018. v. 2.

GEIGER, Paulo (org.). **Caldas Aulete** – minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexi-kon, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça. **Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

OLIVAN, Karen Neves. **A Semântica e o Ensino de Língua Portuguesa**.

Work. Pap.linguíst., 10 (1), p. 45-59. Florianópolis. Jan. Jun., 2009.

PIMENTA, Reinaldo. **A Casa da Mãe Joana 1 e 2**: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas. Rio de Janeiro: LTC editora, 2016.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e Semântica Lexical**: noções fundamentais. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

PROPOSTAS EM LÍNGUA PORTUGUESA DA BNCC FOCAM NA GRAMÁTICA E NOS GÊNEROS DIGITAIS. **Nova Escola**, 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/22/propostas-em-lingua-portuguesa-da-bncc-focam-na-gramatica-e-nos-generos-digitais>. Acesso em: 24 de set. de 2020.

RANGEL, Egon de Olivera. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (orgs.). **Dicionários Escolares**: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 37-60.

REY DEBOVE. Léxico e dicionário. Trad. De Clóvis Barleta de Moraes. **Alfa**. São Paulo 28 supl. 45-69. 1984.

**Saraiva Jovem** - dicionário da língua portuguesa ilustrado. Kandy Sgarbi de Almeida saraiva; Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira (Editores responsáveis). São Paulo: Editora Saraiva 2012.

XATARA, Claudia Maria; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (org.). **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**. São Paulo, 42 (n. esp.), 1998, p. 147-159.